

## **ANIMADORES SOCIOCULTURAIS: FORMAÇÃO E INSERÇÃO PROFISSIONAL DOS DIPLOMADOS DA ESELX-IPL**

*Joana Campos, Célia Martins, Alfredo Dias e Laurence Vohlgemuth*

Resumo O reconhecimento dos animadores socioculturais em Portugal nas últimas décadas assentou, em grande medida, no incremento do associativismo profissional e na diversificação da formação. A diversidade da oferta formativa somou-se a fixação do código deontológico do grupo e do estatuto, a par da disseminação das publicações e da realização de congressos, entre outros momentos de formação e afirmação do grupo profissional. No quadro deste processo de profissionalização inscreve-se a licenciatura da ESELx-IPL. Com o presente texto pretende-se contribuir para o aprofundamento do conhecimento sobre a licenciatura nesse processo, em particular no que diz respeito ao processo formativo e transição para o mercado de trabalho dos diplomados. Metodologicamente, a informação considerada foi recolhida desde 2009/2010, centrando-se o presente texto na caracterização dos alunos e diplomados da ESELx, relativamente aos seus percursos formativos e inserção profissional. Analiticamente, consideraram-se diferentes dimensões. Uma primeira que prende-se com as áreas de interesse dos alunos manifestadas no percurso formativo. Uma segunda dimensão que se centra no processo de inserção profissional. Por fim, uma terceira dimensão relativa à continuidade de formação. Os procedimentos de análise permitiram identificar as principais modalidades de transição para o mercado de trabalho, demonstrando ainda a importância da iniciação profissional em contexto em instituições diversificadas. Tais resultados reforçam a importância das instituições formadoras contribuírem para a afirmação dos grupos profissionais, em diversos planos.

Palavras-chave Animação Sociocultural, Formação no Ensino Superior, Iniciação Profissional

### **1. Profissionalização dos Animadores Socioculturais em Portugal: afirmação do grupo profissional**

A análise em torno do processo de profissionalização dos animadores socioculturais em Portugal tem como pano de fundo os desafios que se colocam às profissões na sociedade do conhecimento (Rodrigues, Oliveira & Carvalho, 2007). Na literatura sobre as profissões são comumente considerados como elementos fundamentais da definição dos grupos profissionais: a definição de um *corpus* de conhecimento profissional exclusivo e resultante de processos de formação (superior e/ou especializada); a constituição de associações profissionais que agreguem e mobilizem os profissionais; a definição de regras éticas e deontológicas reguladoras da prática profissional, fundadas no (próprio) grupo profissional (Dubar, 1997; Rodrigues, 1997, 2012; Gonçalves, 2007/08). Relativamente aos animadores socioculturais considera-se que o reconhecimento deste grupo profissional em Portugal, nas últimas décadas, assentou, em grande medida, no alargamento e diversificação da formação (Lopes, 2006; Silva, 2013) e no incremento do associativismo profissional (Campos, 2011; Baptista, 2012; Vohlgemuth, Campos, Dias & Martins, 2013). Teoricamente a discussão enquadra-se nas propostas mais recentes sistematizadas e discutidas por Rodrigues (1997, 2012) e Gonçalves (2007/08).

A formação em animação sociocultural em Portugal tem sido marcada, nos últimos anos, por uma diversificação de vias e níveis de certificação (Lopes, 2006; Silva, 2013). Este incremento tem resultado no crescimento do grupo profissional, com a inserção profissional dos animadores em áreas e domínios institucionais e laborais, que se vão diversificando e que colocam do ponto de vista formativo novos desafios (Lopes, 2008; Campos, 2015). O primeiro curso de nível superior iniciou-se em meados da década de 80, do século XX, na Cooperativa Árvore, no Porto (Lopes, 2006). Posteriormente, proliferaram os cursos no ensino superior, tanto nos subsectores universitário e politécnico, como nos setores público e privado (Costa, 2010). De igual relevância é a diversidade de modelos de formação que, em grande medida, correspondem às diferentes ofertas formativas (Lopes, 2006; Simões, 2012)<sup>1</sup>. Nos outros níveis de ensino também se foi alargando a formação em animação sociocultural, atualmente presente em diversas vias de formação no ensino secundário (Lopes, 2006; Silva, 2007, 2013; Baptista, 2012). Esta proliferação resultou numa diversificação da formação em animação sociocultural, com enfoques diferenciados, que podem ser parcialmente lidos na terminologia que acompanha a designação dos cursos, assim como das propostas formativas (Simões, 2012). Tal diversidade tem vindo a traduzir-se, também, numa diversificação da certificação para o exercício profissional da animação, com uma razoável pulverização de diplomas, quanto ao nível e quanto à designação (Lopes, 2006). Costa (2010) refere-se a uma *formação institucionalizada*, identificando uma “desenfreada multiplicação de formações em animação sociocultural” (Costa, 2010, p. 15).

O associativismo profissional tem, no que se refere à profissionalização deste grupo em particular, contribuído de forma significativa para a coesão e reforço interno do mesmo, quer à escala nacional, quer internacional. Esse reforço joga-se também num plano externo, uma vez que as dinâmicas associativas<sup>2</sup> têm contribuído para uma crescente visibilidade social, sobretudo pela promoção de encontros e fóruns de discussão que têm reunido animadores socioculturais, académicos e outros profissionais, quer ao nível nacional, quer internacional. Foi precisamente num dos congressos da APDASC que, em assembleia, se aprovaram os documentos mais recentes, orientadores e reguladores da ação profissional dos animadores socioculturais em Portugal. A tentativa de fundar no grupo profissional a regulação ética e deontológica da prática profissional do grupo, assim como as condições de acesso ao mesmo, expressam bem as intencionalidades dos representantes do grupo profissional em análise (Campos, 2011; Vholgemuth, Campos, Dias & Martins, 2013). Por outro lado, as publicações em torno da ASC e sua disseminação no mercado editorial e académico em Portugal resultam, em grande parte, da realização de congressos e de outros momentos de formação e afirmação do grupo profissional, dinamizados pelas associações profissionais. O conhecimento do grupo

---

<sup>1</sup> O processo de Bolonha também marcou a formação dos animadores, com a discussão em torno dos perfis profissionais e profissionalidade do grupo profissional (Silva, 2007).

<sup>2</sup> A título ilustrativo referem-se sucintamente algumas das associações, em diferentes escalas. A nível internacional a RIA – Rede Internacional de Animação, e a RIA – Rede Iberoamericana de Animação Sociocultural, a que se associam algumas das nacionais, como a APDASC – Associação Portuguesa de Desenvolvimento da Animação Sociocultural, e outras à escala regional, como a AIASC Associação Insular de Animação Sociocultural. A nível nacional outras associações distinguem-se, também, pela participação no desenvolvimento e afirmação da ASC e dos animadores socioculturais, como a Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural e a Animar – Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Local.

profissional dos animadores promove-se nesses fóruns pela possibilidade de ser discutido, sistematizado, validado e fixado sob forma de publicações (Campos, 2011, 2015). Cumulativamente, a presença das editoras que assumem a publicação na área da ASC e temáticas afins resulta, em parte, dos textos das conferências e comunicações apresentados nesses mesmos encontros, quer por académicos, quer por animadores e representantes de equipas que desenvolvem o seu trabalho em ASC nas diversas instituições. Deste modo, tem sido garantida a afirmação deste grupo face a outros grupos profissionais, assim como junto das instituições de formação e das de enquadramento profissional dos profissionais de Animação Sociocultural. Os animadores socioculturais podem ser por isso considerados como co-produtores do conhecimento profissional do próprio grupo profissional, na medida em que, individual e coletivamente, promovem o seu desenvolvimento profissional, estruturando-se e estruturando a triangulação entre as diversas esferas formativa/académica, associativa e profissional.

Ainda no que diz respeito ao caso particular da ASC em Portugal, considerando a etapa de profissionalização atual, ganha relevância a referência às mais recentes alterações das Classificações Nacionais e Internacionais das Profissões (Campos, 2011, 2015), por constituírem mais um elemento do breve enquadramento que procurámos traçar. Na Classificação Portuguesa das Profissões (CPP2010)<sup>3</sup>, a distribuição dos grupos de profissões reposicionou os animadores socioculturais, com uma alteração de sentido ascendente<sup>4</sup>, numa alteração comum aos profissionais da área do Trabalho Social. Tal mudança, pode ler-se genericamente, como resultado do reforço das qualificações associado à complexidade das funções exercidas e, também, ao tipo de competências profissionais necessárias, exigidas e reconhecidas ao grupo profissional em referência (Campos, 2011, 2015) resultantes dos novos desafios que se colocam ao grupo profissional (Lopes, 2008; Campos, 2015). Montez (2015) esboçou sete cenários que encerram em grande medida esses desafios, identificando constrangimentos mas também oportunidades, que se colocam no séc. XXI aos profissionais da ASC. Nesse esboço, Montez (2015) refere-se à “encruzilhada” identitária em que se encontram atualmente estes profissionais, e que marca a presente etapa da profissionalização grupo. Por um lado, a necessidade de enquadrar-se na demanda da atual ideologia que atravessa as instituições e contextos profissionais em que desenvolvem a sua atividade, à semelhança de outras (Carvalho, Santiago & Caria, 2012). Ou por outro, inversamente, seguir no sentido de reforçar uma identidade militante, retomando os primórdios da afirmação da ASC em Portugal (Lopes, 2006), colocando-se em posição de “marginalização” o que pode resultar, como refere o autor, numa falta de reconhecimento político, e acrescentamos nós, dos empregadores e da sociedade em geral. É tomando como referência a imprevisibilidade e riscos que os grupos profissionais enfrentam, que entendemos a análise do processo de profissionalização deste grupo (Campos, 2015). Não se trata de um

---

<sup>3</sup> A revisão da Classificação Nacional das Profissões de 1994 (CNP/94) resultou da alteração da classificação internacional. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) recomendou, aos países membros, a revisão das classificações nacionais apoiadas na versão de 1988 (CITO/1998), estabelecida pela International Standard Classification of Occupations (ISCO), e que adoptassem a definição proposta pela Classificação Internacional Tipo de Profissões de 2008 (CITP/2008).

<sup>4</sup> Na classificação anterior, de 1994, os animadores socioculturais posicionavam-se no grande grupo 5 – *Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores* – passaram, na atual classificação, para o grande grupo 3 – *Técnicos e profissões de nível intermédio*.

percurso linear, sem conflitos, tensões ou ambiguidades, pelo contrário, inscreve-se e lê-se mais aprofundadamente se considerarmos o quadro teórico analítico de Abbott (1998, 1991) no que se inscreve na discussão em torno da profissionalização. Abbott (1991) partindo da análise do processo de várias profissões, concluiu que os percursos são (muito) distintos, com ritmos, sentidos e sequencialidades muito diversos, não fazendo por isso sentido que se estabeleça a ideia de um *continuum* linear entre ocupação e profissão. Abbott (1988, 1991) assinalou a necessidade de (re)conceptualização com transição para uma *abordagem dinâmica* para a análise do desenvolvimento dos grupos profissionais, recuperando os trabalhos anteriores de Wilensky (1964). Wilensky (1964) também movido pelo reconhecimento dessa necessidade de melhor se estabelecerem as fronteiras do conceito, sugeriu anteriormente que este se referisse, sobretudo, à sequencialidade de etapas percorridas por um grupo, inicialmente ocupacional até atingir a última etapa, a do profissionalismo (Rodrigues, 1997). Esta perspectiva dinâmica sobre a profissionalização como processo deu fôlego ao desenvolvimento de pesquisas que procuraram enquadrar historicamente a evolução desses mesmos processos (Rodrigues, 2012: 90). Para a presente análise esta perspectiva constitui-se assim como a “lente” principal, partindo-se deste breve esboço da presente etapa de profissionalização do grupo profissional, traçado com maior acuidade em trabalhos anteriores (Campos, 2011, 2015).

## **2. Processo formativo e transição para o mercado de trabalho dos diplomados em Animação Sociocultural da ESELx**

O presente texto pretende aprofundar o conhecimento e a discussão sobre o contributo das instituições formadoras para os processos de profissionalização dos animadores socioculturais, em particular no que se refere à iniciação profissional, tomando-se o exemplo dos diplomados em Animação Sociocultural da ESELx-IP.

Não sendo foco da análise a discussão sobre as condições laborais e de empregabilidade dos animadores socioculturais em Portugal, reconhece-se a fragilidade e precariedade de algumas dessas condições (Garrelhas, 2010; Campos, 2015; Montez, 2015), agravadas pelo quadro da atual crise. Paradoxalmente, a atual conjuntura reforça o reconhecimento da necessidade da função social dos animadores e da ASC, agravada pela crise, mas, e também como consequência dessa crise, estes profissionais veem a sua posição no mercado de trabalho enfraquecida e precarizada (Ramos, Parente & Santos, 2014). Os trabalhadores sociais têm vindo a ser duplamente penalizados, do ponto de vista orçamental, por um lado, como consequência da retração do investimento nos setores da educação, saúde, cultura, proteção social; por outro, pelo agravamento das condições e vínculos de precariedade laboral<sup>5</sup> (Campos, 2015; Montez, 2015).

---

<sup>5</sup> Embora afetados pela actual situação de precariedade laboral, os diplomados do ensino superior revelam, ainda assim, maior capacidade de inserção profissional, quando comparados com os trabalhadores com níveis de qualificação inferiores (Ramos, Parente & Santos, 2014) (*cf.* dados do Inquérito ao Emprego do INE, em 2013). Contudo, há uma diferenciação das situações profissionais dos diplomados quando consideradas as áreas de formação: “(...) os licenciados nas áreas de saúde, economia e gestão, e direito encontram-se aí sobrerrepresentados, comparativamente com as áreas de educação, artes e humanidades prevalentes nas situações mais precarizantes” (Ramos, Parente & Santos, 2014: 398). Outro sinal preocupante, prende-se com a desvalorização dos diplomas, pela “(...) forte instabilidade contratual, baixos rendimentos, trabalho sob a

O presente exercício inscreve-se nas linhas de discussão que se centram nos processos de transição para a vida ativa e inserção no mercado de trabalho, à luz dos processos e das dinâmicas identitárias profissionais e sociais dos diplomados (Alves, 1998; Campos, Dias, Hortas, Martins & Simões, 2010). No quadro do processo de profissionalização dos animadores socioculturais em Portugal, brevemente traçado anteriormente, inscreve-se a licenciatura da ESELx-IPL, por um lado, participando ativamente no processo formativo dos animadores socioculturais procurando contribuir para o desenvolvimento da animação sociocultural nos territórios e junto das instituições parceiras do curso. Os objetivos e estratégias formativas desenvolvidas no âmbito desta licenciatura centram-se no (futuro) papel dos animadores socioculturais como técnicos de intervenção no quadro do trabalho social. Relativamente aos princípios fundadores dessa formação, pode ler-se no documento de candidatura da presente coordenação do curso, em 2014, a definição dos seguintes objetivos, entre outros: *Afirmar a ASC enquanto área de saber e de exercício profissional no campo da intervenção social, cultural e educacional*, na medida em que é reconhecida a necessidade de um saber especializado; e, *Reforçar a articulação entre o Curso e a comunidade profissional e territorial*, concretizado na relação com a rede diversificada de parceiros no âmbito da iniciação à prática profissional e de projetos de intervenção social e comunitária, e a participação dos estagiários da licenciatura em ASC no desenvolvimento dos projetos e programas de intervenção nos contextos e instituições. A formação profissional é assim perspectivada em estreita articulação com a realidade social e profissional dos (futuros) diplomados, procurando contribuir para o processo de profissionalização do grupo, tendo em conta as principais dimensões do desenvolvimento profissional, tal como consideradas nos estudos sobre as profissões (Serra, 2008; Campos, Dias, Hortas, Martins, Rocha & Simões, 2010; Vohlgemuth, Campos, Dias & Martins, 2013).

A licenciatura em Animação Sociocultural iniciou-se em 2006/07, tendo os primeiros diplomados saído para o mercado de trabalho em 2008/09. O plano de estudos inicial foi elaborado ao abrigo do Processo de Bolonha, tendo vindo a sofrer algumas alterações pontuais nos últimos anos<sup>6</sup>, sendo o mais recente de 2013. Atualmente, o Plano de Estudos encontra-se em reorganização, em resultado dos resultados alcançados nos processos de avaliação do curso (Vohlgemuth, Martins, Dias & Campos, 2015). Com o Plano de Estudos em vigor, no final da trajetória de formação prevista, o diploma da licenciatura pode certificar uma formação como animador sociocultural generalista – ramo da Animação Sociocultural, ou em animação sociocultural com aprofundamento num de dois domínios: Mediação Intercultural ou Intervenção em Populações Seniores<sup>7</sup>. No plano dos processos de avaliação das instituições do Ensino Superior, o curso tem sido avaliado interna e externamente, em ciclos regulares (Vohlgemuth, Martins, Dias & Campos, 2015). No âmbito desses processos, a equipa de coordenação e de docentes do curso têm procurado dar o seu contributo para o reconhecimento do grupo profissional, em dois

---

modalidade de tempo parcial e que é alvo de uma sobrequalificação profissional” (Ramos, Parente & Santos, 2014: 398).

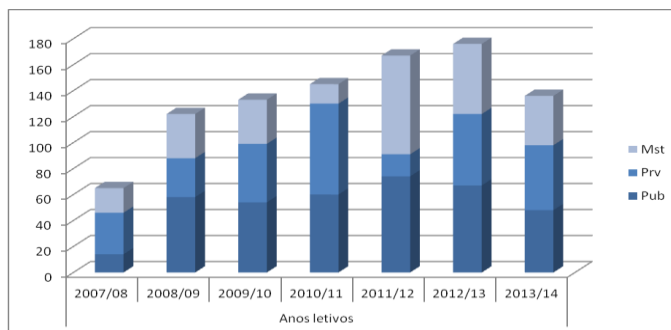
<sup>6</sup> Licenciatura definida pela Portaria n.º 1236/2007 de 21 de outubro, posteriormente alterada pelos Despachos n.º 2294/2009 de 16 de outubro e Despacho n.º 6474/2010 de 12 de abril e mais recentemente pelo Despacho n.º 5037/2013 de 12 de abril.

<sup>7</sup> Os dois tipos de diplomação, generalista ou de aprofundamento, são obtidos em função dos percursos formativos dos formandos, segundo uma matriz de opções.

planos: pela produção e divulgação científica, académica e profissional em torno da ASC e, ainda, pelo desenvolvimento da ASC nos territórios e junto das instituições parceiras.

Do ponto de vista analítico, pretende-se aprofundar o conhecimento sobre a licenciatura, em particular no que diz respeito aos percursos formativos e à iniciação profissional dos diplomados do curso e sua transição para o mercado de trabalho. Metodologicamente, a informação considerada foi recolhida no âmbito dos procedimentos sistemáticos desenvolvidos pela equipa de coordenação da licenciatura, desde 2009/2010. Consideraram-se os processos formativos e de inserção profissional de alunos e diplomados para a totalidade dos anos letivos entre 2006/07 e 2013/14. Tecnicamente, os procedimentos desenvolvidos para a recolha de informação foram: a base de dados relativa aos contextos e instituições de iniciação profissional (estágio), no que se refere ao processo formativo dos alunos; e um inquérito por questionário (aplicado por email e por telefone) aos diplomados do curso, um ano após a conclusão da licenciatura, relativamente à inserção profissional dos diplomados.

Para a análise consideraram-se diferentes dimensões. A primeira centra-se nas áreas de interesse dos alunos manifestadas no percurso formativo, mais concretamente nos estágios de iniciação à prática profissional. Atendendo às motivações para as escolhas dos estágios de iniciação de iniciação à prática profissional, por parte dos alunos, estas podem sintetizar-se em: i) ter experiências em contextos/áreas de intervenção/instituições e públicos com os quais gostariam de trabalhar; ii) ter experiências em contextos/áreas de intervenção/instituições e públicos com os quais já trabalharam em etapas anteriores de formação e pretendem aprofundar; iii) antecipar possibilidade de inserção profissional (instituições que recrutam, instituições em que não há formalmente animador, instituições com reconhecimento público alargado para que tenham no estágio recomendação posterior para futuras candidaturas); iv) e, explorar áreas emergentes de intervenção/criação de emprego e/ou afirmação de novas áreas de intervenção. Decorrente da diversidade das motivações associadas às escolhas feitas pelos alunos no decorrer do seu percurso formativo, no que diz respeito aos contextos e instituições de iniciação profissional constata-se que: a) as instituições parceiras de formação da ESELx são diversificadas, atendendo à sua natureza jurídica, (figura 1); b) os domínios educativo e social são os mais representativos dos contextos em questão, verificando-se contudo um crescimento gradual do domínio cultural (figura 2); c) a infância (crianças e jovens) salienta-se como o público com o qual a maioria dos estagiários desenvolve a sua experiência de iniciação profissional (figura 3).

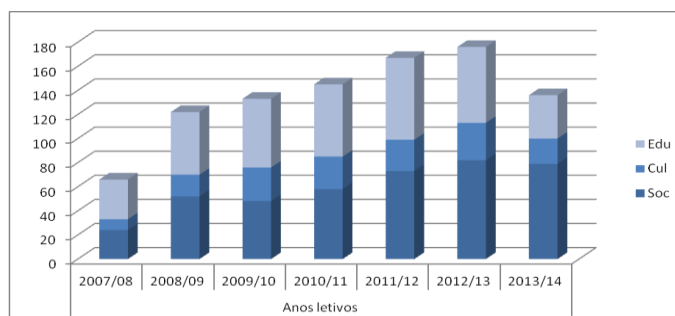


Legenda: Pub – Público; Prv- Privado; Mst-Misto.

Nota: Ano letivo 2006/07 – dados não disponíveis. No ano 2009/10, os dados de PIIP IA são definidos por aproximação de perfil ao PIIP IIA de 2010/11.

Fonte: Base de dados dos contextos de estágio (Equipa PIIP e CCASC-ESELx).

**Figura 1.** Distribuição dos contextos de iniciação profissional, por natureza jurídica (2007-14)

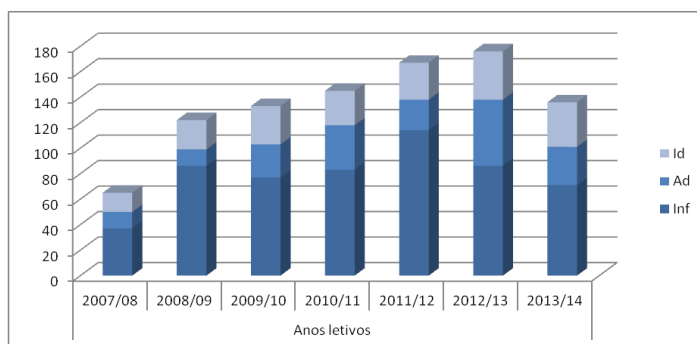


Legenda: Soc – Social; Cul- Cultural; Edu-Educativo.

Nota: ano letivo 2006/07 – dados não disponíveis. No ano 2009/10, os dados de PIIP IA são definidos por aproximação de perfil ao PIIP IIA de 2010/11.

Fonte: Base de dados dos contextos de estágio (Equipa PIIP e CCASC-ESELx).

**Figura 2.** Distribuição dos contextos de iniciação profissional, por domínio da ASC (2007-14)



Legenda: Inf – Infância (inclui crianças e jovens); Adul-Adultos (inclui todos); Id-Idosos.

Nota: ano letivo 2006/07 – dados não disponíveis. No ano 2009/10, os dados de PIIP IA são definidos por aproximação de perfil ao PIIP IIA de 2010/11.

Fonte: Base de dados dos contextos de estágio (Equipa PIIP e CCASC-ESELx).

**Figura 3.** Distribuição dos contextos de iniciação profissional, por tipo de públicos (2007-14)

Uma segunda dimensão de análise prende-se com o processo de inserção profissional, especificamente na empregabilidade. O grupo de diplomados inquiridos é constituído maioritariamente por elementos do sexo feminino e situa-se na faixa etária dos 20-30 anos (quadros 1 e 2). Pelas características deste grupo, consideramo-lo como representativo do conjunto dos licenciados nos anos letivos considerados.

**Quadro 1.** Distribuição dos diplomados segundo o sexo (2007-14)

Sexo	Número	%
Feminino	113	86,9
Masculino	17	13,1
<b>Total Geral</b>	<b>130</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Inquérito por Questionário aos Diplomados do Curso ASC (CCASC/ESELx)

**Quadro 2.** Distribuição dos diplomados segundo a faixa etária (2007-14)

Faixa etária	Número	%
[20 - 30[	98	75,4
[30 - 40[	16	12,3
[40 - 50[	11	8,5
[50 - 60]	5	3,8
<b>Total</b>	<b>130</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Inquérito por Questionário aos Diplomados do Curso ASC (CCASC/ESELx)

A percentagem de licenciados que se encontra empregada é 79% (quadro 3). A análise dos contextos de inserção profissional revela-nos que, no que respeita ao tipo de instituição empregadora, predominam as instituições de cariz privado logo seguidas das de caráter público (quadro 4).

**Quadro 3.** Condição face ao trabalho dos diplomados (2007-14)

<b>Condição face ao trabalho</b>	<b>Número</b>	<b>%</b>
Não exerce atividade profissional	27	20,8
Exerce atividade profissional	103	79,2
<b>Total Geral</b>	<b>130</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Inquérito por Questionário aos Diplomados do Curso ASC (CCASC/ESELx)

**Quadro 4.** Sector da instituição/entidade empregadora dos diplomados (2007-14)

<b>Sector da instituição/entidade</b>	<b>Número</b>	<b>%</b>
Público	43	40,2
Privado	49	45,8
Misto	14	13,1
NS/NR	1	0,9
<b>Total</b>	<b>107</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Inquérito por Questionário aos Diplomados do Curso ASC (CCASC/ESELx)

Os 79% diplomados empregados, dos quais 76% se encontram a exercer uma profissão em domínios da ASC, concretizaram a sua entrada no mercado de trabalho através de quatro modalidades principais: autoproposta/envio espontâneo de Curriculum Vitae (21%); em continuidade do estágio do último ano do curso (19%); em resposta a anúncios (jornais, *sites* de emprego, redes sociais) (18%); e redes de contactos (18%) (quadro 5).

**Quadro 5.** Modalidades de obtenção do 1º emprego (2007-14)

Modalidades	Número	%
Em continuidade do estágio do curso	15	19,2
Auto-proposta/envio espontâneo de CV e outras	16	20,5
Concurso e/ou candidaturas	5	6,4
Resposta a anúncios (jornais, sites de emprego, redes sociais)	14	17,9
Centro de Emprego	4	5,1
Associação profissional	5	6,4
Rede de contactos	14	17,9
Voluntariado	1	1,3
Outros	4	5,1
<b>Total</b>	<b>78</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Inquérito por Questionário aos Diplomados do Curso ASC (CCASC/ESELx)

Para o grupo de diplomados a exercer uma profissão em domínios de ASC, o intervalo de tempo entre a conclusão da licenciatura e a obtenção do primeiro emprego foi de curta ou média duração, sendo que mais de metade do grupo conseguiu o seu primeiro emprego no espaço de tempo de seis meses. De destacar também a expressão dos diplomados que durante a sua formação já se encontravam a exercer atividade profissional, o que pode demonstrar o reconhecimento, por parte dos mesmos, da importância da obtenção de diploma na área para possíveis processos de requalificação profissional (quadro 6).

**Quadro 6.** Intervalo de tempo entre a conclusão da licenciatura e o 1º emprego (2007-14)

Intervalo de tempo	Número	%
0 meses (já trabalhava na instituição)	23	28,4
0 meses (já trabalhava no ramo)	1	1,2
0 meses	11	13,6
1 mês	4	4,9
2 meses	11	13,6
3 meses	8	9,9
4 meses	2	2,5
5 meses	4	4,9
6 meses	6	7,4
8 meses	2	2,5
9 meses	2	2,5
10 meses	1	1,2
12 meses	6	7,4
<b>Total</b>	<b>81</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Inquérito por Questionário aos Diplomados do Curso ASC (CCASC/ESELx)

Os domínios da ASC em que os animadores recém-licenciados se integram situam-se fundamentalmente nas componentes educativa e social (quadro 7). Os públicos com os quais estes profissionais trabalham são maioritariamente crianças, jovens e idosos (quadro 8). As funções desempenhadas por estes jovens profissionais no domínio da ASC ou áreas afins inserem-se, principalmente, no âmbito da gestão e da implementação de projetos e em atividades das várias áreas de expressão associadas ao trabalho com crianças e jovens.

**Quadro 7.** Domínios da ASC das atividades profissionais dos diplomados (2007-14)

<b>Domínios</b>	<b>Número</b>	<b>%</b>
Cultural	3	3,8
Educativo	28	35,9
Social	20	25,6
Educativo/cultural	4	5,1
Social/cultural	2	2,6
Social/educativo	18	23,1
Social/educativo/cultural	2	2,6
NS/NR	1	1,3
<b>Total</b>	<b>78</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Inquérito por Questionário aos Diplomados do Curso ASC (CCASC/ESELx)

**Quadro 8.** Públicos com quem trabalham os diplomados (2007-14)

<b>Públicos</b>	<b>Número</b>	<b>%</b>
Crianças	34	43,6
Jovens	3	3,8
Adultos	3	3,8
Idosos	11	14,1
Crianças e Jovens	9	11,5
Crianças, jovens e adultos	2	2,6
Crianças e idosos	2	2,6
Jovens e adultos	3	3,8
Jovens e idosos	1	1,3
População em risco (crianças, jovens e adultos)	4	5,1
População portadora de deficiência/doença	2	2,6
Todos	4	5,1
<b>Total</b>	<b>78</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Inquérito por Questionário aos Diplomados do Curso ASC (CCASC/ESELx)

Por fim, a terceira dimensão em análise considera a continuidade de formação na área da ASC ou em áreas afins. Do total de diplomados inquiridos, 40% deu continuidade à formação pós-licenciatura, dos quais quase metade frequenta/ou um mestrado (45%) e dos restantes destacam-se os que frequentam/aram formações diversas (18%) e pós-

graduações (15%) (quadros 9 e 10). As motivações associadas à tomada de decisão sobre a continuidade de formação na área da ASC ou em áreas afins decorrem essencialmente: i) da vontade/necessidade de aprofundamento de conhecimento em áreas específicas; ii) da decisão sobre alargamento de áreas de diplomação/certificação com vista a inserção profissional futura; iii) e do adiamento da inserção profissional/resposta à condição de precariedade.

**Quadro 9.** Continuidade de estudos por parte dos diplomados, no âmbito da ASC ou áreas afins (2007-14)

<b>Continuidade de estudos no âmbito da ASC ou áreas afins</b>	<b>Número</b>	<b>%</b>
Não	88	67,7
Sim	40	30,8
NS/NR	1	0,8
NA	1	0,8
<b>Total Geral</b>	<b>130</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Inquérito por Questionário aos Diplomados do Curso ASC (CCASC/ESELx)

**Quadro 10.** Tipologia de estudos realizados pelos diplomados, no âmbito da ASC ou áreas afins (2007-14)

<b>Curso</b>	<b>Número</b>	<b>%</b>
Licenciatura	1	2,5
Mestrado	18	45,0
Pós-Graduação	6	15,0
Formação	7	17,5
Workshop	3	7,5
CAP	5	12,5
<b>Total</b>	<b>40</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Inquérito por Questionário aos Diplomados do Curso ASC (CCASC/ESELx)

Dos diplomados que não deram continuidade à sua formação pós-licenciatura, existe um grupo considerável que o equaciona fazer (55%) (quadro 11), sendo os domínios de formação pretendidos muito diversificados, embora centrados essencialmente nos grandes domínios da educação (educação social, educação especial, educação pela arte, educação comunitária,...), psicologia, ciências sociais/relações internacionais, empreendedorismo, gestão cultural, geriatria/gerontologia, desporto.

**Quadro 11.** Pretensão de realizar futuramente formação em ASC ou áreas afins (2007-14)

Pretensão de no futuro próximo realizar formação em ASC ou áreas afins	Número	%
Sim	72	55,4
Não	17	13,1
NS/NR	1	0,8
NA	40	30,8
<b>Total Geral</b>	<b>130</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Inquérito por Questionário aos Diplomados do Curso ASC (CCASC/ESELx)

### 3. Notas finais

A análise e discussão dos resultados anteriormente apresentados permitem concluir sobre a importância da adequação da oferta formativa aos interesses dos estudantes e da iniciação à prática em contexto profissional. No que respeita ao processo formativo, distingue-se a mais-valia de uma formação realizada em contexto profissional, apoiada numa rede de parceiros diversificada, assim como a participação dos alunos tanto na manutenção como no alargamento da bolsa de oferta de estágios. A organização da iniciação profissional sustentada por uma rede de parceiros diversificada tem vindo a revelar-se promotora de um melhor enquadramento do curso no âmbito da animação sociocultural, seja pelo contributo para o desenvolvimento da ASC nos contextos de iniciação profissional, seja pela promoção do posterior ingresso dos diplomados no mercado de trabalho. Sendo este um eixo fundamental que caracteriza o curso de licenciatura em ASC da ESELx-IPL, é de particular relevância identificar alguns indicadores que estes resultados nos sugerem, no sentido de melhor compreender a influência do processo formativo na posterior inserção profissional dos diplomados: (i) os contextos privilegiados pelos estudantes (social e educativo) nos estágios que realizaram ao longo do curso são os que acolhem mais diplomados no seu primeiro emprego; (ii) o primeiro emprego na continuidade de um estágio realizado durante a formação atinge quase 20%; (iii) a percentagem elevada dos diplomados a desenvolver uma atividade profissional na área um ano após a conclusão da licenciatura; (iv) o curto prazo de seis meses que 50% dos diplomados necessitou para encontrar o primeiro emprego no âmbito da ASC, percentagem que ascende a 80% se excluirmos os estudantes que já se encontravam empregados quando terminaram o curso.

Ainda no âmbito da organização e gestão curricular do curso conclui-se pela relevância de que se podem revestir os procedimentos de monitorização e avaliação sistemática do ciclo de estudos, em particular no que diz respeito aos percursos profissionais e formativos dos diplomados. A produção sistemática e regular de informação sobre o curso contribui para um conhecimento mais aprofundado e alargado sobre o mesmo, mas também sobre o domínio e grupo profissional em referência. Tais resultados ilustram a possibilidade e importância das instituições formadoras contribuírem para a afirmação das áreas e dos profissionais em diferentes planos. Por outro lado, os procedimentos de recolha e análise permitem também identificar as fragilidades da formação, assim como as condições de inserção profissional e desenvolvimento

profissional dos diplomados do curso, em concreto, e no que à presente licenciatura diz respeito, constitui-se como ilustração a precariedade das situações laborais dos diplomados. No caso particular da licenciatura em ASC da ESELx-IPL, o reconhecimento da importância das instituições de formação no processo de profissionalização dos profissionais em ASC assume-se como um compromisso. Por isso, no quadro da reorganização curricular da licenciatura em curso define-se como objetivo deste ciclo de estudos o contributo para o desenvolvimento da ASC, assim como do processo de profissionalização dos animadores. Parte substantiva desse objetivo cumpre-se pelo trabalho desenvolvido nos contextos de intervenção e junto dos diversos públicos com que a ASC e os animadores atuam, no âmbito das parcerias para a iniciação profissional e desenvolvimento de outros processos formativos e investigativos com as instituições parceiras, como por exemplo. Por outro lado, a ESELx-IPL como instituição formadora promove e acolhe eventos de divulgação científica e profissional da ASC e dos animadores, como por exemplo, os Encontros Temáticos de ASC da ESELx, desde 2010, e o acolhimento do XV congresso da APDASC, em novembro de 2012.

Para finalizar, duas notas. Por um lado, assunção da relevância de que se reveste este tipo de análise. O processo investigativo que tem sido desenvolvido tem permitido compreender mais aprofundadamente, reforçando por isso, a importância das instituições formadoras contribuírem estrategicamente para a afirmação dos grupos profissionais, em diversas dimensões. Também por isso, revela-se quão fundamental é que as análises de processos formativos dos profissionais, assim como dos seus percursos, em particular a iniciação profissional, independentemente das áreas, sejam analisados e interpretados à luz dos quadros teórico-analíticos dos estudos das profissões e grupos profissionais.

## Bibliografia

- Abbott, Andrew (1988), *The system of professions. An essay on the division of expert labor*, Chicago, University of Chicago Press.
- Abbott, Andrew (1991), The order of professionalization. An empirical analysis, *Work and occupations*, vol. 18, n.º 4, pp. 355-384.
- Alves, Mariana Gaió (1998), Inserção na vida activa de licenciados: a construção de identidades sociais e profissionais, *Sociologia – problemas e práticas*, n.º 26, pp. 131-147.
- Baptista, Ricardo (2012), “Animação e animadores socioculturais: imprecisões, ambiguidades, incertezas, tensões e controvérsia de uma ocupação profissional”, em Atas VII Congresso Português de Sociologia, Sociedade, crise e reconfigurações, disponível em [www.aps.pt](http://www.aps.pt).
- Campos, Joana (2011), “Profissionalização da ASC: (novos) elementos contribuintes para o reconhecimento e definição da profissão ao nível nacional e internacional”, em Pereira, José Dantas e outros (coords.), *As Fronteiras da Animação Sociocultural*, Chaves, Intervenção, pp. 313-327.
- Campos, Joana (2015), “Animadores Socioculturais e Animação Sociocultural: desafios e dilemas profissionais nas sociedades contemporâneas”, em Pereira, J. D., e outros (coords.), *O Animador Sociocultural no Século XXI – perfil, funções, âmbitos, metodologias, modelos de formação e projetos de intervenção*, Chaves, Intervenção, pp. 125-132.
- Campos, Joana, e outros (2012), “Entre a formação e a profissão: projecto de formação em Animação Sociocultural na ESELx”, em Gonçalves, Carolina e outros (orgs.), em *Actas do V Encontro do CIED, Escola e Comunidade*, CIED, pp. 147-162, [http://www.eselx.ipl.pt/cied/download/Atas\\_V\\_Encontro\\_Cied.pdf](http://www.eselx.ipl.pt/cied/download/Atas_V_Encontro_Cied.pdf).

- Campos, Joana, e outros (2010), “Da iniciação profissional à inserção profissional: projecto de formação na ESE de Lisboa”, em Costa, Carlos (coord.), *Profissão e Profissionalização dos Animadores*, Porto, Legis Editora, pp. 57-72.
- Carvalho, Teresa, e outros (2012), *Grupos profissionais, profissionalismo e sociedade do conhecimento. Tendências, problemas e perspectivas*, Porto, Edições Afrontamento.
- Costa, Carlos (2010), “Desafios à profissão e profissionalização dos animadores socioculturais”, em Costa, Carlos (coord.), *Animação sociocultural. Profissão e profissionalização dos animadores*, Porto, Legis Editora, pp. 11-17.
- Dias, Alfredo, e outros (2015), “Educação para o Desenvolvimento e a Formação em ASC na ESE de Lisboa”. Em Costa, Abrão & Costa, Carlos (coords.), *A Caminho... Animação Sociocultural, Cooperação, Desenvolvimento e Educação para a Diferença*. Vila Nova de Famalicão. Plataforma de Animadores Socioeducativos e Culturais e Associação Portuguesa para o Desenvolvimento da Animação Sociocultural, pp. 179-203.
- Dubar, Claude (1997), *A socialização. Construção das identidades sociais e profissionais*, Porto, Porto Editora.
- Garrelhas, Catarina (2010), “A intervenção e empregabilidade dos animadores”, em Costa, Carlos (coord.), *Animação sociocultural. Profissão e profissionalização dos animadores*, Porto, Legis Editora, pp. 19-35.
- Gonçalves, Carlos Manuel (2007/08), “Análise sociológica das profissões: principais eixos de desenvolvimento”, *Sociologia*, vol. XVII/XVIII, 2007/08, pp. 177-223.
- Lopes, Marcelino Sousa (2006), *Animação sociocultural em Portugal*, Chaves, Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Lopes, Marcelino Sousa (2008), A animação sociocultural: os velhos e os novos desafios, em Pereira, José Dantas, e outros (coords.), *A animação sociocultural e os desafios do século XXI*, Amarante, Intervenção-Associação para a promoção e divulgação cultural, pp. 147-158.
- Montez, Mário (2015), Paisagens contemporâneas para uma possível animação militante, *Quaderns d'animations i Educació Social*, n.º 22, disponível em <http://quadernsanimacio.net>.
- Ramos, Madalena, e outros, (2014), Os licenciados em Portugal: uma tipificação de perfis de inserção profissional, *Educação e Pesquisa*, vol. 40, n.º 2, pp. 338-400.
- Rodrigues, Mª Lurdes (1997), *Sociologia das profissões*, Oeiras, Celta.
- Rodrigues, Mª Lurdes (2012), *Profissões. Lições e Ensaios*, Coimbra, Almedina
- Rodrigues, Mª Lurdes, e outros (2007), “Profissionais qualificados e sociedade do conhecimento”, em Costa, António Firmino, e outros (orgs.), *Sociedade e conhecimento, Portugal no contexto europeu*, vol. II, Oeiras, Celta Editora, pp. 103-121.
- Serra, Fernando (2008), “A formação graduada em animação sociocultural e a construção da profissão de animador sociocultural. O exemplo da escola superior de educação de Lisboa”, em Pereira, José Dantas, e outros (coords.), *A animação sociocultural e os desafios do século XXI*, Chaves, Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural, pp. 303-307.
- Silva, Ana da (2007), “Bolonha: uma oportunidade de reflexão sobre a animação sociocultural e de revisão da formação em animação no ensino superior em Portugal”, *Práticas de Animação*, ano 1, disponível em <http://revistapraticasdeanimacao.googlepages.com>.
- Silva, Ana da (2009), “Um reencontro com os estatutos profissionais de animação em Portugal”, em *Práticas de Animação*, ano 3, n.º 2, disponível em <http://revistapraticasdeanimacao.googlepages.com>.
- Silva, Ana da (2013), “La formation des animateurs et animatrices au Portugal”, *Animation, territoires et pratiques socioculturelles*, n.º 4, pp. 13-22, disponível em [http://www.atps.uqam.ca/numero/ATPS\\_4\\_2013\\_en.php#num4\\_2](http://www.atps.uqam.ca/numero/ATPS_4_2013_en.php#num4_2)
- Simões, Ana Simões (2012), “A Formação em Animação Sociocultural em Portugal e o seu contributo para a intervenção com a população sénior: uma análise”, Costa, Costa (coord.) *Animação Sociocultural: Envelhecimento Ativo e Solidariedade entre Gerações*, Alcochete, Alfarroba, pp. 51-73.

- Vohlgemuth, L. e outros (2015), “Avaliação da Licenciatura em Animação Sociocultural (ESELx) – reflexões sobre o compromisso com uma avaliação participativa”, em Atas do XXII Colóquio AFIRSE Portugal, *Diversidade e Complexidade da Avaliação em Educação e Formação. Contributos da Investigação*, AFIRSE (no prelo).
- Vohlgemuth, Laurence, e outros (2013), “Formation des animateurs socioculturels: discours idéologiques et pratiques”, em Richelle, Jean-Luc, e outros (eds.), *L'Animation Socioculturelle, quels rapports au politique?*, Bordeaux, Carrières Sociales Editons, pp. 131- 144.
- Wilensky, Howard (1964), The professionalization of everyone?, *American Journal of Sociology*, n.º 70, pp. 137-158.

Joana Campos, ESELx-IPL / CIES-IUL, [jcampos@eselx.ipl.pt](mailto:jcampos@eselx.ipl.pt)

Célia Martins, ESELx-IPL / IGOT-UL, [celiamartins@eselx.ipl.pt](mailto:celiamartins@eselx.ipl.pt)

Alfredo Dias, ESELx-IPL / IGOT-UL, [adias@eselx.ipl.pt](mailto:adias@eselx.ipl.pt)

Laurence Vohlgemuth, ESELx-IPL, [laurence@eselx.ipl.pt](mailto:laurence@eselx.ipl.pt)